Me jaezaste a la mar desconocida
y aunque pudiera, yo no vuelvo atrás
en mitad de la ruta indefinida
lancé por borda brújula y compás.

PADRE LEONARDO CASTELLANI: EL LIBRO DE LAS ORACIONES

Publicado el martes 30 septiembre 2025 por P.VerboVen

É a única coleção de poesías publicadas como tal pelo Padre Leonardo Castellani.

Reune composições que escreveu desde sua partida a bordo do vapor Naboland à Europa, em 1946, até seu retorno à Patria e primeiro ano de estada nela, em 1950.

São os años mais tempestuosos de sua existencia. Neles se deu o conflito com seus superiores religiosos, que deixou funda impressão em sua vida e em sua obra.

PRELUDIO AL SILENCIO

Manresa 8 de agosto de 1948

No gastes al tuntún más estampillas
—aquí llamadas sellos—,
ni tinta, papel, pluma, sobre y fósforo
oh amador del silencio.
No gastes tu literatura
con quien no entras en entendimiento.
A los que oír no quieren no les grites
ni discutas con los que tienen miedo
de la verdad, que la verdad es cosa
tan escasa y valiosa en estos
bienaventurados
tiempos
que no hay que desperdiciarla
con los a ella poco abiertos
con los que no la hambrean día y noche
con fauces de silencio
con los que no sabían
—ni sabrán—
que tenías corazón en el pecho.
déjalos,
el mundo es grande y Dios es nuevo.
Algo tendrás que hacer ¡oh duro! Antes
de morir cuando no te has muerto…
Déjales la satisfacción cumplida de
saber que eso
no ha sido culpa de ellos
déjalos que se pierdan
de tu vista y de tu recuerdo
piérdete de una vez y, para siempre
en el silencio
honra a tu Dios con la total ofrenda
del tranquilo silencio
encláustrate en el claustro que ya sabes
interno
y haz en ti
el silencio
también —y ante todo—
paradentro.

No envidies más a los felices
a los que saben con sus anestésicos
pasar al lado del humano

dolor, mecanizados y siniestros
suscitando despegos a su paso
o haciendo iniquidades sin saberlo
y se van de este mundo, como dicen
las mamás a los niños al mecerlos:
si eres malo ninguno te querrá
sin que nadie quiera quererlos.
Y tú te irás y falta poco y quiera
Dios que sin hacer daño ni siquiera
a un perro.

Surgen tantos recuerdos de mi infancia
que temo
no ande la muerte cerca
—digo temo por no decir espero—
cacé ayer una cigarra
en un pino
como en aquellos tiempos
cuando niño solito y algo chúcaro
andaba al sol y al céfiro
como en el montecito
de mi pueblo
o cuando bandeaba
de oído y sin solfeo
la marcha número uno de Spreáffico
clarinete primero
en los días de campo
del colegio
y veo el rostro de mi madre
y el día en que besé a mi padre muerto
y me asaltan congojas infantiles
del niño que en lo oscuro tiene miedo
y un ansia inexplicable
de echarme en un regazo inmenso…
Bien: éstos son romanticismos
y no son ni siquiera versos.

¿Existirá el regazo? Es muy probable
yo así lo creo.
Nunca lo he visto y
tengo sueño.
¿Sueño? Y aún a ratos
Tengo
lo que es más raro
sueños…

PRELÚDIO AO SILÊNCIO

Manresa, 8 de agosto de 1948

Não desperdice mais estampilhas — aqui chamadas de selos —,
nem tinta, papel, caneta, envelope e palito de fósforo,
ó amante do silêncio.
Não desperdice sua literatura
com alguém que não te entende.
Não grite com aqueles que não querem ouvir,
nem discuta com aqueles que têm medo
da verdade, pois a verdade é tão
escassa e valiosa nestes
tempos abençoados
que não deveria ser desperdiçada
com aqueles que não estão muito abertos a ela,
com aqueles que não anseiam por ela dia e noite
com mandíbulas de silêncio,
com aqueles que não sabiam
—nem saberão—
que você tinha um coração no peito.
Deixe-os em paz,
o mundo é grande e Deus é novo.
Você terá que fazer alguma coisa, ó valentão! Antes
de morrer quando você ainda não morreu...
Que tenham a satisfação completa de
saber que não foi culpa deles.
Que desapareçam
da sua vista e da sua memória.
Perca-se de uma vez por todas, e para sempre
em silêncio.
Honre seu Deus com a oferenda total
do silêncio tranquilo.
Enclausure-se no claustro que você já sabe ser
interno.
E faça silêncio dentro de você
também — e acima de tudo —
interno.

Não inveje mais os felizes.
Aqueles que, com seus anestésicos,
sabem passar pela dor humana, mecanizada e sinistra,
causando desinteresse em seu rastro,
ou cometendo iniquidades sem saber.

E eles deixam este mundo, como as mães dizem aos seus filhos enquanto os embalam:
Se você for mau, ninguém o amará,
sem que ninguém queira amá-lo.
E você irá embora, e não demorará muito para que você vá embora, e se Deus quiser, sem machucar nem um cachorro.

Tantas lembranças da minha infância me vêm à mente
que temo
que a morte não ande próxima
—digo medo, para não dizer esperança—
ontem peguei uma cigarra
num pinheiro
como naqueles dias
quando, criança solitária e um tanto selvagem
andava ao sol e à brisa
como nos pequenos bosques
da minha aldeia
ou quando cantava
de ouvido e sem teoria musical
a Marcha Número Um do Spreáffico
na primeira clarineta
nos piqueniques da escola
e vejo o rosto da minha mãe
e o dia em que beijei meu falecido pai
e sou assaltado pela angústia infantil
de uma criança que, no escuro, tem medo
e uma vontade inexplicável
de deitar num colo enorme...
Bem: são romantismos
e nem são versos.

O colo existe? É muito provável
acredito que sim.
Nunca o vi e
estou com sono.
Um sonho? E às vezes
eu ainda tenho
sonhos,
o que é ainda mais estranho...